

O CICLISTA

CORREIO BRAZILIENSE

Mauro Santayana

O sr. Fernando Henrique Cardoso quer tudo e tudo: a vassalagem das forças políticas e a sua humilhação. Já lhe não basta que homens construídos politicamente na oposição, e que amealharam prestígio político no esforço de décadas, como é o caso do ministro Íris Rezende, aceitem, pelas injunções das circunstâncias, o projeto reeleitoral. É necessário dizer a tais homens que é ele, o presidente, quem manda. Ainda agora, ao mesmo tempo em que o ex-governador de Goiás se esforçava para coordenar movimento no PMDB, de apoio à reeleição, o presidente da República lhe puxava as orelhas em público, a propósito de uma declaração do ministro. "Quem manda sou eu", diz o nosso Luís XIV da Avenida Faria Lima. Até quando homens como o sr. Íris Rezende, a quem podemos debitar equívocos, mas ninguém contesta a honradez e a dedicação ao povo de seu estado, continuarão suportando os desaforos do presidente?

Os desaforos são no varejo e no atacado. No atacado é com o PMDB, o maior partido político brasileiro. "Ou me apóiam, ou deixam o governo", brada o presidente em terras do Sul. Ora, que governo exercem os ministros do PMDB? De que poder dispõem? De falar e serem desmentidos, como ocorreu com o sr. Íris Rezende? Só os que querem ser enganados vão nessa conversa. O presidente já disse que fará a reforma ministerial em dezembro, mandando para casa os que desejarem renovar os mandatos parlamentares em outubro de 1998. Por isso, ele quer forçar uma posição do Conselho Político do PMDB (o mesmo órgão que, sem ouvir as bases, optou por dar apoio ao atual governo) de adesão ao continuísmo. É isso que pretendem os dissidentes da decisão da última convenção nacional do PMDB que, por mais de dois terços dos votos, se manifestou contra a tese da reeleição. O seu golpe é um golpe anunciado: reúnem o Conselho Político e tomam, em nome do partido, a decisão de apoiar o presidente. Com isso ganham algum tempo, uma vez que a convenção irá desautorizá-los em seu momento próprio.

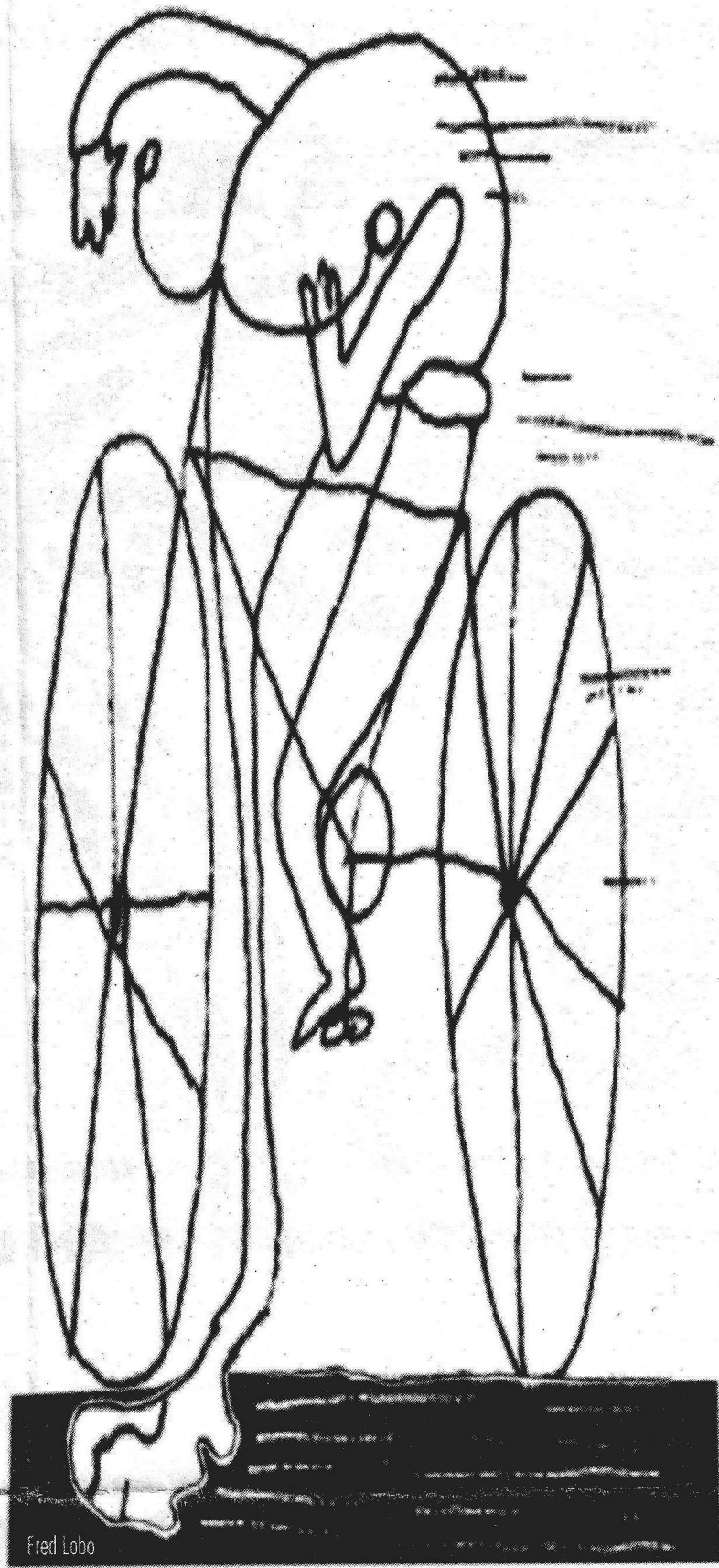
Foi lamentável ver respeitáveis governadores reunidos na casa do sr. Luiz Estevão (o avalista de Collor, como lembrou o senador Roberto Requião) para discutir os estatutos da traição aos princípios fundamentais do velho MDB, estabelecidos por homens como Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Renato Archer, para ficar apenas na memória dos que morreram. No caso dos governadores, somos obrigados a reconhecer a sua imensa dificuldade. Um homem da biografia do sr. Wilson Martins, ao chegar à idade venerável que ostenta, sempre com dignidade marcante, tem que se submeter a burocratas do terceiro escalão, a fim de obter os recursos necessários à administração cotidiana de seu estado. O mesmo ocorre em todo o país, porque a Federação brasileira é apenas uma hipótese, nesta República que os paulistas de hoje — para o horror, em seus aposentos na Eternidade,

de Francisco Glicério, Prudente de Moraes, Rodrigues Alves e Campos Sales — transformaram em regime de faz-de-conta. O vexame maior é do governador de Santa Catarina, Paulo Afonso, que o governo, pelo PSDB e pelo PFL, quis apear do mandato, a propósito dos precatórios. Melhor lhe teria sido renunciar ao governo do que fazer essa peregrinação a Brasília.

Anunciam os interessados que haverá um racha no PMDB. Não obstante a defesa da unidade, feita pelo seu presidente, o deputado Paes de Andrade, não será de todo ruim que os governistas deixem o partido. O PMDB está crescendo no país, conforme pesquisas feitas pelo próprio governo. Não está crescendo porque tenha ministros, alguns respeitáveis, como o sr. Íris Rezende, e outros de respeitabilidade menos evidente, como o sr. Eliseu Padilha, no governo federal. Está crescendo na mes-

ma medida em que cresce, nos distritos municipais e regionais, a oposição a esse governinho que está aí.

Há alguns fatos sobre os quais convinhem meditar os áulicos de turno. O PMDB elegeu 107 deputados federais. Mais de 20% dos eleitos com os votos do maior partido nacional deixaram-se bandear para o outro lado, cooptados sob promessas e ameaças. Isso poderia indicar o debilitamento do partido em suas bases, o que não ocorreu. Todas as pesquisas indicam o contrário: a cada trânsfuga que sai, mais pessoas manifestam a sua simpatia para com a agremiação e lhe declaram intenção de voto. O PMDB está crescendo exatamente porque há nele uma disposição para a resistência contra tudo que está aí. "O PMDB cresce com os golpes que recebe", disse, mais de uma vez, Tancredo Neves. Os golpes podem ser os do despotismo declarado, co-



mo ocorreu durante o regime militar. Ou podem ser, ainda mais contundentes, os da tirania manhosa, com está ocorrendo sob o governo nominalmente chefiado pelo sr. Fernando Henrique.

São importantes, para a cidadania, as lições do governo do sr. Fernando Henrique. É um governo que abomina a liberdade e que exerce tirania delegada. Delegada não pelo povo, que não o elegeu ditador, mas presidente constitucional de um país que se esforça por apagar da lembrança os anos de arbítrio e prepotência. Delegada pelos novos donos do poder no mundo. A globalização em marcha, como tantos têm apontado, é a retomada de um projeto de império mundial, que sempre estimulou os povos que se consideravam superiores aos outros.

Quando vemos a veloz absorção do sistema bancário nacional pelos bancos estrangeiros, recordamos a lúcida análise de Toynbee sobre a política de Hitler na Europa ocupada. Em *Hitler's Europe*, publicado em 1985, pelo Royal Institute of International Affairs, de Londres, diz, textualmente, o autor de *A Study of History*:

"Ainda não foi mencionado um método importante por meio do qual os alemães incrementaram seu domínio sobre a indústria européia. Era o da aquisição de estabelecimentos bancários estrangeiros, com grandes interesses industriais. Isso se realizou por intermédio dos grandes bancos alemães, particularmente o Deutsche Bank e o Dresdner Bank. Esses bancos haviam conseguido, mediante truques como diretores interdependentes, propriedade de ações, votação delegada e direção dos novos financiamentos, desempenhar um papel importante na exploração dos países ocupados."

O estudo do grande historiador desce a minúcias que os banqueiros brasileiros, como o sr. Olavo Setúbal, deveriam conhecer. Antes eram apenas bancos alemães, hoje são bancos de todos os países centrais. Toynbee mostra como o sistema financeiro estruturava o poder obtido pelas armas. Hoje, em lugar do esforço colossal de homens armados, o sistema espalha entusiasmos quislings pelos países do Terceiro Mundo, aos quais se juntou, na mesma miséria, o antigo bloco socialista. Os números da ONU, recentemente divulgados, mostram como, em cinquenta anos, o mundo apodreceu na desigualdade, multiplicando a miséria dos pobres e a riqueza dos ricos — principalmente nos últimos quinze anos.

Se a macropolítica de Fernando Henrique é a da capitulação e da entrega, a micropolítica é a da arrogância e do desprezo aos aliados que lhe dão sustentação parlamentar. Os alemães têm uma palavra para designar esse tipo de pessoas (que, segundo Max Horkheimer, são a maioria entre as que nascem naquele país): *Räderfahrentyp*, ou, ao pé da letra, "tipo ciclista": abai-xam a cabeça diante do guidão e pisam raivosamente nos pedais.

■ Mauro Santayana é jornalista